

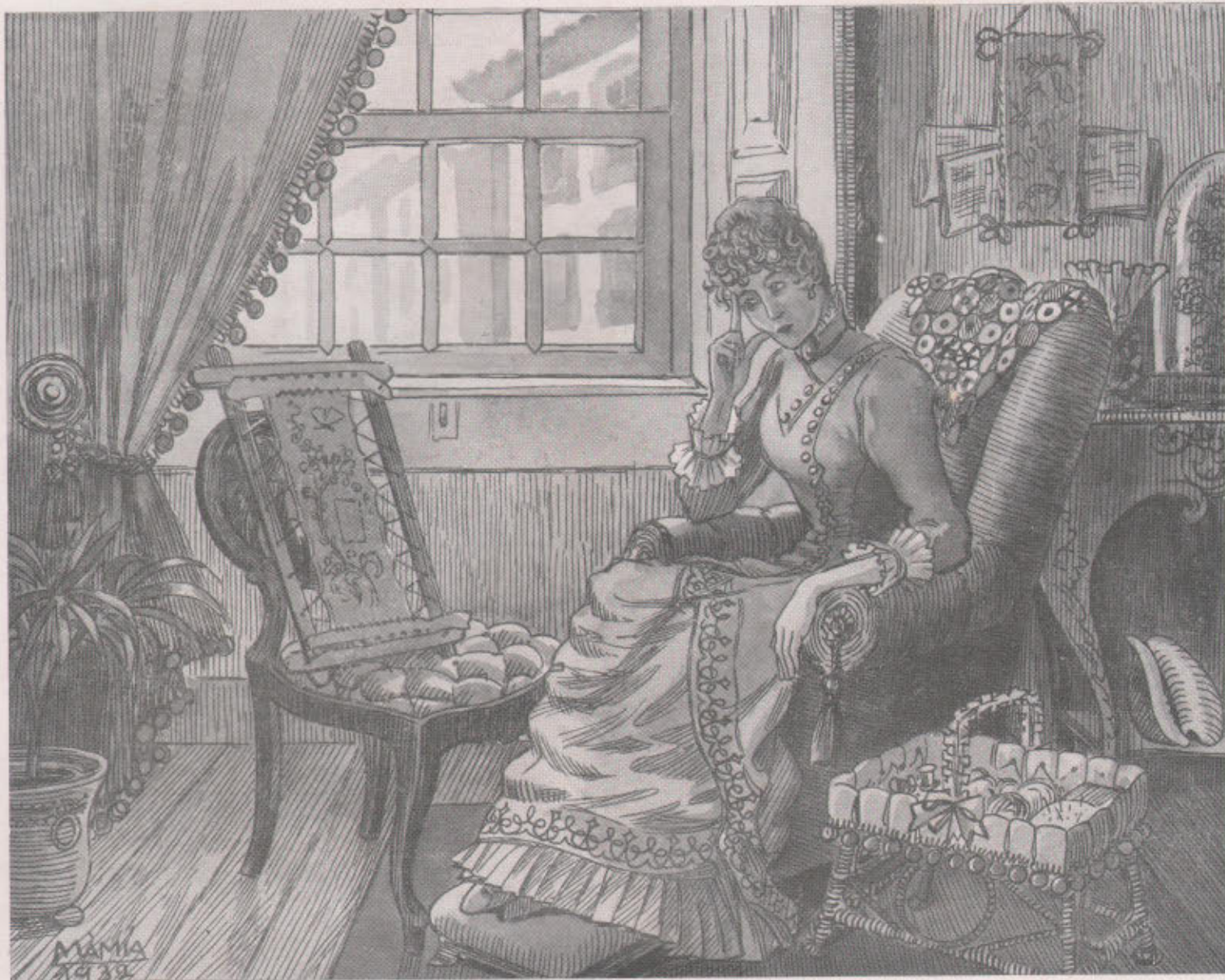
eva
NATAL
1932

DIRECÇÃO DE
CAROLINA
H O M E M
C H R I S T O



S u m á r i o

- GENTE QUE EU CONHECI, por Luzia
Ilustrações de Mâmía Roque Gameiro
- A MODA PARISIENSE, por Magda
Fotos de G. Manuel Frères
- O LUXO NA «TOILETTE» CASEIRA
- NOITES DE ELEGANCIA
Ilustrações a côres de Georgy
- A ALEMANHA PITORESCA
- DO CIUME, por Aurora Jardim Aranha
Ilustrações de Ofélia Marques
- PORMENORES DE DECORAÇÃO
Composição a côres de Guida Otolini
- A S C I N C O H O R A S
Ilustração a côres de Alie
- «SPORTS» DE INVERNO
Composição a côres de Alie
- JOGO PARA MESA DE CHÁ
Composição a côres de Ana Maria
- JACQUES COEUR, banqueiro de reis.
Ilustrações de Clementina Carneiro de Moura
- A R T E M O D E R N A
Fotos Horácio de Novais
- N O R M A S H E A R E R
- O S «RÉVEILLONS»
Ilustrações a côres de Georgy
- A VOGA DO VELUDO, por Line Coline
Croquis de Drian
- L I T E R A T U R A ... , por Clarinha
Ilustração de Raquel Roque Gameiro
- R E N D A S P R E C I O S A S
Fotos Horácio de Novais
- O S C U R S O S D A «EVA»
Fotos Horácio de Novais



gente que eu conheci

Valentina

Chanson du mon vieux temps... Em cada sala, em cada jardim, em cada rua, quási em cada canto, um dôce motivo para sonhar, para lembrar, para ter saüdades...

Hoje foi a janela de uma velha casa, na velha e torta rua... *Direita*, que suavemente evocou uma querida amiga morta. Curioso tipo de *vieille fille* provinciana! Quando eu começava a ser mulher, entrava ela nos trinta anos e que grande entusiasmo me inspiravam os seus olhos lânguidos, o seu penteado cheio de caracois, a exagerada *tournure* dos seus vestidos, as suas mãos muito brancas, muito cuidadas, o seu nome romântico: Valentina! Sentia-me tão orgulhosa por Valentina me dar importância, me receber, com interêsse, as confidências!

Fui para as Salesias. Muitos anos passaram... Voltei a Portalegre, com os mesmos olhos encantados e um coração já assustadoramente desiludido... Tinha curiosidade de vêr o que a tirania do tempo fizera da minha poética

Valentina. Quási não lhe tocara! Correrá de leve, deixando-lhe apenas uma pequenina poeira, o cheiro especial que tomam as coisas guardadas e o grotesco enternecedor de certos figurinos antigos... Nunca mais saíra da sua província, poucas vezes tinha saído do seu canto que, no inverno, era ao lado da brazeira e, no verão, junto da janela fechada — a janela onde eu ha pouco a *vi...* olhando, através dos vidros, a quieta rua... Desde muito nova doente dos pulmões, ignorante ou descrente da benéfica influência do ar, viveu como uma flôr de estufa...

Daí lhe vinha talvez o seu aspecto de coisa preciosamente guardada, contra o sol que queima, a luz que desbota...

Quem habitará agora a velha casa, da velha e torta rua... *Direita*, a casa de Valentina?

L U Z I A

Ilustração de MAMIA ROQUE GAMEIRO



o r m e n o r e s d e d e c o r a ç ã o

Divan e mesa em contra-plaquê preto. Tapeçaria decorativa, executada com fundo de pano de lã e aplicações de veludos, ou, para mais barato, com fundo de serapilheira e aplicações de flanelas. Todas as aplicações são cozidas ao fundo com ponto de casa em algodão «perlé» no tom dos tecidos. O estôfo do divan é em veludo vermelho. A almofada a condizer com o desenho da tapeçaria pode ser feita tanto em veludos, como em flanelas, levando um fôlho côr de rosa franzido em volta. O tapête redondo é trabalhado em lã vermelha e castanha escura, fazendo barras, com a agulha «fada do lar». Vêr desenho na separata.

L I T E R A T U R A . . .

por CLARINHA

Ilustrações de RAQUEL ROQUE GAMEIRO

OS jornais franceses, minha amiga, dão largas à publicidade de novos romances, e mais do que nunca um retrato do autor toma largamente o espaço do anúncio.

Quero crêr que as fisionomias dos romancistas incitam à compra — como resistir a um rosto oval, bem escanhado, de nariz aquilino e olhos profundos?

Quantos segredos devem conter os lábios levemente irónicos dum escritor?

A ironia neste caso é para aqueles que correm a comprar o romance. De resto a literatura francesa passa neste instante um mau bocado.

Tenho saudades daquêles que ainda existem: Prévost, Bourget, Kipling, Bernard Schaw, estes últimos géniais.

Recorda-me sempre France, a sua ironia doce e delicada. E mais do que nenhum, o nosso velho Balzac, onde encontro o mesmo mundo de hoje, com mais nobres caracteres e mais terríveis bandidos, tanto é verdade que os homens não mudam.

Só introduziram na vida os meios rápidos de irmos ao encontro de tudo quanto é, no fundo, melancolia. O automóvel que a «Béatrix» de Balzac nunca sonhou, não a faria mais feliz, nem um avião a levaria mais rapidamente ao seu fim trágico.

Também Paris perdeu, com a civilização, o seu «charme» de outrora — mal se vêem as elegantes nos carros de hoje. Os soberbos cavalos tomaram melancolicamente o caminho do talho. Ah, meu Deus! Encontrar num guizado o último cravo duma ferradura!

Paris muda cada ano, e as costureiras elegantes sobem os Campos Eliseos, onde é «chic» lêr-se, num largo prédio em letra pequenina um nome célebre: Lanvin, Guerlain. Avenida acima e abaixo correm os automóveis longos, pavorosos e cómodos.

Nos chás sempre é o «Ritz» o mais procurado. Porquê?! O chá tem ali um sabor mais instpido, os doces são — «quelconques». Mas em cada mesa existe um «Gotha» representado em duques, príncipes, alguns de longos bigodes que não sacrificaram à moda.

Nos teatros as últimas peças, e as últimas figuras que nos espantam — a filha de Raspoutine, a filha de M.^{me} Curie! Sempre julguei que M.^{me} Curie não tivesse tempo para a maternidade. Eva Curie tem um ar inteligente de quem penetrou nos segredos do rádio... e não se encantou com êles. Marie Raspoutine é francamente feia, e abre muito os olhos pequeninos num rosto longo e inexpressivo.

Já reparou, minha amiga, que o «sport» dá largamente lugar à fealdade? Uma mulher que desce do avião depois de ter subido para êle na América traz o nariz vermelho, os lábios grossos, o olhar perturbado à força de querer vêr ao longe as costas da Europa...

Voltemos a Beirós, onde as fôlhas ainda estão verdes — verdes e vermelhas, como uma delicadeza para a nossa bandeira.

Aqui nada muda. Só cresceram as árvores que conheci em pequena. Já os fogões estão acesos, já o chá da tarde se serve ao toque das Trindades.

Mas para uma inglesa chegada dos nevoeiros de Londres, aqui é primavera. Castanheiros, carvalhos, vinhas, macieiras e pinheiros, tingem de verde a montanha. No jardim dos limoeiros, os frutos caem ao chão de maduros, e já outras centenas brilham entre as fôlhas ponteagudas.

Os crisântemos despenteados arvoram côres extravagantes; as outras flôres ainda não se ressentem do ar já frio que corre pela madrugada.

Em Lisboa ha mais discreção na temperatura. É o momento em que existe uma certa atrapalhação nas «toilettes». Os vestidos de praia não podem dar entrada na capital. As peles são prematuras.

Meu Deus! Como as mulheres são infelizes em terem de pensar em coisas tão graves! Para os homens é pior — êsses, pagam...

